

CORREIO
NOTICIOSO

07 DE DEZEMBRO
DE 1876

CORREIO NOTICIOSO.



Publica-se na Typographia de J. J. da S. Braga, rua Conde d'Eu n.º 146.

A REDAÇÃO SÓ É RESPONSÁVEL POR SEUS ARTIGOS.

Subscreve-se a 2:000 por trimestre, pagos adiantado.

GAZETILHA.

Obra da Matriz. — Relação das es-
molas obtidas pelas diferentes ruas desta
Cidade na quarta semana, para auxiliar
as despesas das obras da Matriz.

Ruas. = A antiga rua Nova, do largo de S. Francisco ao beccos da Mizericordia, do Carmo, e Compa- nhia, e rua da Medalha, 4ª semana	16:890
Rua Direita, de S. Francisco ao largo do Palacio, 4ª Idem	28:900
Ruas da Cadeia velha, Mer- cês, Boi-xoco, dous caminhos 2ª »	9:530
Ruas, d'Alagôa da frente e de tras, Xão-duro, Jaguaribe, o largo da Ribeira 4ª »	7:010
Ruas da Thesoura, S. Elias, S. José, S. Antonio. 4ª »	
Rua do Tambiá, apartir da caza de José da Silva Coêlho ao sitio Cruz do peixe . 4ª »	10:060
Rua d'Arçã, Ladeira das Pedras, até o Zumbi . . 4ª »	6:280
Rua das Convertidas ao desembocar na rua da Ponte 4ª »	30:200
Rua Estrada do carro, Viração, Alegria e becco do Tan- que 4ª »	4:300
Ruas, do Fogo, Quarteis, Palha, Macahiba, e becco do Imperio 4ª »	12:370
Ruas, Boa-Vista, Flores, Rapoza, e Bica 4ª »	2:390
Ruas, da Matinha, Sodo- ma, Cajueiro 4ª »	3:400
Rua da Trinxeira, 4ª »	
rua da Ponte, 4ª »	8:000
Barreiras, 4ª »	14:600
rua da Gameleira, . . 4ª »	2:000
Santa Rita, Cruz do Espirito-Santo, 4ª »	10:000
Diversas caixas 4ª »	47:230
Somma Rs.	212:860
Rendimento das 3 Semanas	598:600
Somma total Rs.	811:460

Cuja quantia, foi recolhida ao cofre do
Thesouro Provincial pelo respectivo Thesou-
reiro das Commisões, o Sr. Francisco d'
Assis Carneiro.

Lê-se na Proviucia.

Consortio—Teve lugar antehontem,
na capella do Gymnasio Provincial, o con-
sortio do Sr. commendador Joaquim Lo-
pes Machado com a Exm. Sra. D. Con-
stança Perpedigna da S. Santiago, filha do
Sr desembargador Lourenço da Silva San-
tiago.

Pertencendo o Sr. commendador Lopes
Machado á maçonaria, na qual occupa alem
do mais alto gráu, o cargo importante de
delegado do Oriente Unido do Brazil, ré-
pellio com indignação e desprezo a impe-
sição de uma abjuração forçada que d'elle
exigia a Camara Ecclesiastica para poder
ser-lhe ministrado o casamento com todas
as formalidades do rito catholico, preferin-
do, á vergonha e a deshonor, dar um ex-
emplo de sua nobresa de caracter e lelda-
dade para com aquelles que o haviam es-
colhido para o cargo de responsabilidade
que exerce na maçonaria.

De feito, teve lugar a cerimonia asses-
tida pelo mosenhor Pinto de Campos, que
se apresentou, apenas, com suas insigni-
as e vestes sacerdotaes, sem estolla e sob-
re-pelliz, sem agua benta e demais *solem-
nidades puramente catholicas*; e que depo-
is das phrazes sacramentaes, declarou os
nubentes legitimamente casados segundo o
espirito da igreja catholica.

A não ser a ausencia das *taes solemni-
dades*, nenhuma outra differença ha desses
casamentos para o *essencialmente catholico*,
desde que a igreja considera-o legitimo e
a lei civil concede lhe todos os efeitos de
que gozam os casamentos *para e essencial-
mente, catholicos*.

A vista disso não duvidamos afirmar que
a igreja catholica terá de celebrar muitos
casamentos iguaes, toda vez que algum dos

nubentes não queira aceitar condições in-
decorosas, muitas vezes arrancadas, extor-
quidas as consciencias com maior perversi-
dade do que a do salteador que nas deve-
ras da estrada rouba a bolsa e a vida ao
viajante incauto.

Ha uma circumstancia que não devemos
callar.

Após as palavras do sacerdote, decla-
rando os nubentes legitimamente casados,
o Sr' desembargador Santiago, com a voz
tremula pela emoção, disse perante o nu-
meroso concurso de amigos presentes,
pouco mais ou menos: « e quando a igreja
se recusasse a recebê-los, eu com a mi-
nha autoridade de pae, perante Deus e os
homens, declarava-os casados.»

Concluida a cerimonia e felicitados os
noivos, foram estes acompanhados até a
sua nova residencia, onde teve lugaa uma
outra manifestação altamente significativa.

A Maçonaria Pernambucana, admirando o
heroismo e decisão com que aquelle dis-
tincta Sra. venceu todas as incertezas e a
timidez congenita ao seu sexo, e a alta e-
levação de espirito de que deu provas no
grande exemplo que abriu as suas patrici-
as, offereceu-lhe um custoso e lindissimo
album, com as suas iniciaes.

Um novo plano—Todos os espiri-
tos que ainda se preocupam com as cala-
midades que assolam esta terra, teem pro-
curado descobrir qual o móvel que levou o
Sr. D. Vital a suspender o Mosenhor Pin-
to de Campos, no dia seguinte ao da ce-
lebração do casamento do Sr. commenda-
dor Joaquim Lopes Machado.

E na verdade fica-se perplexo e indeciso
em determinar o motivo justo, desde que
foi aquelle casamento celebrado nos limi-
tes da licença concedida pela autoridade
ecclesiastica. Donde se conclue que essa
pena não foi imposta ao Mosenhor Cam-
pos, por ter exorbitados das faculdades
que recebera.

O Sr' D. Vital comprehendeu a repercussão que ia ter em todos os animos aquelle casamento sem as *solemnidades* da igreja. Temendo as suas consequências, mas não querendo, ao mesmo tempo, negar as licenças para esses actos, para que o governo possa sempre dizer que ignora que os bispos estejam pondo embaraços ao casamento de mações, como não ha muito o declarou, fulminou com *ex-informata* ao primeiro sacerdote, ainda que de alto bordo, que celebrou esse casamento de *nova especie* para que, d'hoje em diante, o maçon que não quizer abjurar, não encontre sacerdote que celebre o seu casamento muito embora seja concedida a licença.

E assim pretende o Sr. D. Vital atalhar os effeitos da nova propaganda que surge em frente a sua nefasta reacção theocratical!

Insano intento!

Recorra o Sr' D. Vital ás armas que quizer, ponha em infernal concerto todos os elementos de que puder dispor; não conseguirá fazer-nos retrogradar, porque o esquipito do seculo resiste triumphante aos mais fortes embates.

Agora S. Rvma. mudou de plano; substituiu o subterfugio, o passo furtado, pelas arrogancias, pelas posições definidas de outr'ora; o jesuita tem marchas e contra marchas naturaes.

A suspensão *ex-informata* do Monseñor Pinto de Campos vem revellar-nos um novo plano de reacção que começa a ser executada pelo Sr' D. Vital. Os factos posteriores virão confirmar as nossas previsões.

Augmenta a reacção.—Acabam de informar-nos que foi suspenso *ex-informata consciencia*, por dois mezes, o monseñor Pinto de Campos, que hontem celebrou o casamento do Sr. commendador Joaquim Lopes Machado, de conformidade com a licença dada para tal fim pela autoridade competente.

Consta-nos que essa suspensão teve lugar por ter se apresentado o monseñor Pinto de Campos com as suas insignias e vestes sacerdotaes, quando entrava nos calculos do Sr. D. Vital tornar ridicula aquella cerimonia, solemniissima pelo facto em si, e mais ainda pelas manifestações publicas que se deram, por occasião de celebrar-se aquelle acto.

Como queria o Sr. D. Vital que se apresentasse o monseñor Pinto de Campos?

A reacção toma proporções, e em sua torrencial passagem vae fazendo victimas, até que um dia as victimas.....

Continuae D. Vital; ainda é pouco para a paciencia com que tem este povo soffrido os ultrages de vossa cohorte; continuae que o dia d'amanhã é o da liberdade de consciencia.

Esta reacção apressará, apenas, a queda de vossas doutrinas.

TRANSCRIPÇÕES

Recife, 23 de Novembro de 1876.

A náu do Estado está desmantellada, perdeu o leme, armou uma esparrella e arvorou em Palinuro um duque, que não sabe costear milhas, ignora quantas letras tem o alfabeto; collocou-se sob a immediata protecção da *Divina Providencia*, meio de cêra de carnauba e meio de lalão, e lá vá ella a matroca, a mercê de mar e ventos.

Deus amercie-se da misera tripolação e passageiros. Ou se afunda o chaveco, ou bate de encontro á algum cachopo e despedaça-se, afogando marinagem, piloto, contramestre, passageiros e, até... o capitão.

A situação não pode ser mais critica, nem mais angustiosa.

Rasgaram-lhe todo o panno, abriram-lhe nas horas mortas e vivas, la gos rombos, e por todos os lados se encapellam as ondas e invadem a propria camara.

Já não ha agua nos tanques nem provisões nos paioes. Por cumulo de desgraça a borrasca varreu a agulha pela borda fóra inutilizou sextantes e quadrantes, chronometros, barometros e sondas. Toldou-se o tempo por tal modo que não luz o sol, nem scientillam os astros que poderiam orientar a mestrança e indicar-lhe o remo a seguir em demanda de algum abrigo, e trazendo-lhe esperança de salvamento, aos nossos Vascos da Gama em apertos.

Ainda uma vez, valha-nos a *Divina Providencia*, e salve-nos de tão providencial castro se é capaz de tamanho esforço e de tão esplendido milagre.

Acuda-nos a espada victoriosa do duque Paraguayo, as capoeiragens do Sr. Cotegipe e as magicas de algum grande astrologo.

Mas na conjuntura actual, para que prestam laminas de... Caxias, as capoeiragens do Sr. Cotegipe e, as magicas de qualquer astrologo?

As excomunhões episcopaes, os esbanja-

mentos financeiros, os escandalos e violencias administrativas, e mesmo a sapiencia imperial nos crearam uma situação difficilissima e perigosa.

E qual o santelmo que conjurará os males que nos opprimem e que de dia em dia mais nos ameaçam, qual o meio que nos libertará do transe?

Estaremos no caso da França, cuja salvação depois de Sedan foi encontrada no 4 de Setembro? A mesma mediação terá igual efficacia?

Pode-nos servir de exemplo o Chile que, não tendo a constituição privilegiada dos anglos saxonios e dos suissos, o que é hespanhel e caboclo, medra e cresce sob a forma republicana?

Não nos animamos a aconselhar a experiencia, a que nos podiam levar aquelles e outros paizes; receiamos mesmo que cedo ou tarde, as circunstancias nos arrastem para os meios extremos, desesperados de alcançarem a felicidade e a liberdade da patria, em busca, para conseguil-as de outras instituições.

As causas se accumulam á olhos vistos, e qualquer incidente inesperado poderá trazer terrivel explosão.

Revelando a intensidade do perigo da nossa sociedade é nosso fim prevenil-o.

Não se illudam aquelles que, obcecados pelos gosos e vantagens de uma situação anomala, julgam que o paiz marcha n'um mar de rosas.

Um povo que portantos annos tem sido victima do desgoverno, que tem tido a longanimidade e a paciencia de soffrer todos os satrapos com que El-Rei a tem brindado, que o tem perseguido e espoliado cruelmente, um povo que tolera abusos e violencias sem conta, peso e medida, que tem affrontado todos os Mellos Regos e Bellarminos conjurados para devorar-lhe a subsistencia, um povo assim flagellado, dar-se-ha, afinal, por muito feliz, se houver quem o administre com menos voracidade e inclemencia, com mais justiça e brandura.

(Da Provincia.)

MARANHÃO, 30 de Outubro de 1876.

O Anticalcico.

(Do Jornal da Lavoura.)

(Continuação do n.º 562)

§ 3.º

Emprego do Anticalcico.

Anticalcico pode ser empregado na ga-

rapa da canna depois da defecação, mas é muito mais preferivel juntal-o á garapa antes da cal.

A dose a applicar deve variar segundo a quantidade de cal que se emprega ordinariamente na defecação; para a dose de cal empregada no minimumo com as melhores cannas, é preciso calcular 1 kilogramma de anticalcico para cada 10 hectolitros, de garapa ou 2 libras para cada 220 gallões.

No caso em que a garapa exija para e defecação ordinaria maior quantidade da cal, por exemplo 1 1/2 vezes a quantidade minima, deve-se augmentar na mesma proporção o emprego do anticalcico, isto é, empregar 1 1/2 kilos para cada 10 hectolitros de garapa, tendo sempre o cuidado de juntar o anticalcico, á garapa antes da cal.

Para este fim, lança-se na tacha de defecação cheia de garapa, o pó do anticalcico, tendo o cuidado de o distribuir com a mão o mais uniformemente possivel na superficie da garapa. Um crivo de metal de malhr fina, no qual se mettesse o pó do anticalcico e se sacudisse por cima da tacha na superficie da garapa, preencheria perfeitamente este fim.

Logo que o pó do anticalcico se junta á garapa meche-se bem com uma pa, e depois de misturar durante alguns minutos, junta-se a cal como de costume.

No entretanto temos a observar que é preferivel juntar a quantidade de cal ordinaria em 3 fracções, porque acontece que empregando-se o anticalcico como acabamos de indicar, pode-se empregar, na maior parte dos casos, menos cal para a defecação.

Junta-se primeiro um terço da cal, e se a defecação fór bem feita não será necessario juntar o resto; se, pelo contrario, o primeiro terço não for sufficiente, junta-se o 2.º, que na maior parte dos casos será sufficiente; no caso contrario junta-se o resto da cal. Mas se a contecer que procedendo-se assim venha-se a diminuir a quantidade da cal precisa para uma boa defecação, deve-se ter o cuidado de não reduzir a quantidade do anticalcico, que contem em si mesmo um poder defecante, que a addição da cal vem completar.

O emprego do anticalcico provoca a formação de espumas em maior abundancia do que a cal por si só; estas espumas se formam e se removem, e o resto da operação se faz como d'ordinario.

§ 4.º

Valor das espumas provenientes do emprego do anticalcico, como estrume.

As espumas provenientes do emprego do anticalcico taes como acabamos de indicar, constituem um estrume de phosphato muito poderoso, cuja composição chimica e seus effeitos são semelhantes aos de Guano.

§ 5.º

Recosimento do mel extrahido do assucar de 1.º lance para fazer assucar de 2.º e 3.º lances, nosapparelhos ordinarios a fogo nú.

O mel proveniente da garapa da canna preparada com o anticalcico em dose sufficiente e com as precauções que acabamos de indicar, pode facilmente ser regosidono apparelhos ordinarios a fogo nú, mas para que este mel alcance o gráo de cosimento, é indispensavel juntar-lhe agua sufficiente para fazel-a chegar á tacha de ponto na densidade de 25º Baumé. Logo que chega a esse gráo enche-se com ella a tacha de ponto e deixa-se evaporar até o gráo de cosimento dos 2.º lances, isto é, até o gráo de ponto, e crystallisa-se.

Em lugar d'agua para destemperar este mel até 25º Baumé, pode-se fazer uso da calda defecada, por evaporar; evita-se assim a despesa de combustivel.

Emfim o mel proveniente desse assucar de 2.º lance, se for de garapa bem livre dos saes de cal, pode ser recosido segunda vez para dar assucar de 3.º lance; no entretanto é sempre indispensavel, para chegar facilmente ao gráo de cosimento, destemperar este mel com agua ou garapa defecada, de maneira que não chegue á taxa de ponto com uma densidade superior a 25 Baumé.

Esta condição essencial é indispensavel para o bom exito de recosimento do 2.º e 3.º lance. Uma outra condição, mas menos indispensavel, é a de fazer o recosimento d'este mel logo que se extrahir o assucar, isto é, sem o deixar pernoitar em cisternas ou outros depositos.

§ 6.º

Emprego do Anticalcico nos engenhos de assucar de canna que se servem do vapor.

Os engenhos de canna que trabalham com apparelhos a vapor podem tambem

empregar o anticalcico com vantagem nas mesmas condições que acabamos de indicar, isto é antes da addição da cal para defecação

Obtem-se assim uma garapa defecada mais pura não deixando incrustações nas serpentinhas a vapor, nem nas tachas de triplo effeito ou outras, e exigindo menos carvão animal para a filtração.

§ 7.º

Principaes vantagens do emprego do Anticalcico no fabrico do assucar de canna.

A calda proveniente da garapa preparada com uma dose sufficiente de anticalcico tem menos cor, não deixa residuos nas taxas de evaporação e cosimento; a sua evaporação se faz com mais rapidez; o gráo de cosimento se obtem mais facilmente; produz assucar mais secco, mais consistente, mais bem crystallizado, purgando-se mais rapidamente e com mais perfeição; perde menos em peso nos transportes para Europa, e apresenta uma coloração mais bella, e um valor saccharimetrico muito mais elevado, e permite tirar-se assucar de 2.º e 3.º lance com as taxas ordinarias a fogo nú, augmentando assim o rendimento ordinario de 30 a 40 %, e reduzindo por consequente proporcionalmente a quantidade de mel obtido pelos processos ordinarios.

A Imprensa.

Estamos no ultimo periodo do seculo XIX.

A humanidade contempla extasiada a locomotiva do progresso, que caminha... Seu traçado é o infinito: a imprensa, seu pharol.

Ondas de luz derrama a imprensa por toda a parte.

Luz benéfica, luz sublime, que projecta nas telas do futuro as glorias do passado: Christo, o Rei Divino; pregou—a igualdade.

Gutenberg, o nobre humano, proclamou—a liberdade.

Já no Sinay a Omniscencia havia legislado nas duas paginas do grande livro dos povos.

A mae-vos como irmãos em honra de vosso Pai Eterno.

E á imprensa, como semi-déa do progresso, coube a sublime missão do repro-

duzir o edicto de um Deos.

Baluartes das modernas idéas, tende ella á realisacão dos grandes principios civilisadores.

Os mais arrojados tentamens do homem hão echoado nos prêlos.

Em 1440, disse o homem ao mundo :

—Lêde !

E por toda a parte soletrou-se o nome da imprensa e irradiou a luz benéfica da publicidade.

E as gloriosas tradições de remotas éras, que já se iam sumindo, sob camadas e camadas de pó dos seculos, revivêram para sempre ao livre bafejo de Gottemberge—bajejo que é como um selo de eternidade.

Não é o bronze de Moguncia, nem os festejos centenares de Strasburgo que nos relembra a historia d'este genio.

Cada folha de um livro, cada pagina de um jornal, nos canta um poema em honra do seculo XV, nos recita uma epopéa em louvor do inspirado filho da Germania,

Sagrada missão a da imprensa . . .

(Do «Trabalho.» S. Paulo.)

Resando.

Como és linda, ajoelhada
Ante a imagem de Jesus,
Batendo com as mãos no peito,
Fitando os olhos na cruz !

Resas... a prece bemdicta
Deserta dos labios teus.

—As orações das crianças
Sobem ligeiras a Deos.

Vem-te aos olhos languorosos
O pranto de vez em quando . . .

—Ai ! porque tremes, tão calma
Diante da cruz resando ?

Tão linda, com a vista presa
Na imagem do Redemptor !

Sóltas as tranças nos hombros,
Os olhos langués de amor !

.....

Ah ! toda a vez que resares
Ao teu Jesus de marfim,
No meio de tuas preces
Lhe pede também por mim.

Corte, 23 de Junho de 1876.

A. Alberto de O. Mendonça.

A mulher vaidosa.

Sou pobre, bem vês, não quero illudir-te
Não tenho thesouros q' possa offertar-te:
Sò tenho em meu peito riqueza de amor
Está claro: com ella não posso comprar-te!

Se queres brilhantes, vestidos de sêda,
Se queres pintada nos bailes entrar,
Procura um visconde bem velho e gostoso:
Que importa o defeito ? se é rico a fartar?

Se queres nas salas mostrar-te rainha
Com lindos cabellos comprados a ouro;
Barões e viscondes, [ha muitas donzella
Que a troco de gozos te oferta um thesouro

Se queres coque te mostrar-te ao theatro,
Se queres dos tolos chamar [attenção;
Procura um marido fidalgo e sem brio
D'aquelles que fazem da honra illusão !

Bem vês, oh! donzella, não tendo esse iman,
Que attrahe, que fascina.. que dá f'licidade;
Sò tenho no peito amor puro pr'a virgem
Que é pobre e nasceu sem luxo e vaidadel.

Rio, 20 de Junho de 1876.

J. BAPTISTA NUNES.

Soneto.

Eu não creio que a nossa fidalguia
Procedesse de Adão, que era um coitado;
Um paisano que nunca andou calçado,
Um pobre que de pelles se vestia :

Não teve armas, brazões; nem pôssua
Por prova de [ser nobre alguma morgado;
O fôro nunca o vio, nem foi tratado
Como agora se faz com *senhoria*.

Eva inda foi peor, pois na Escripura
Se não trata de *dom* nem de *excellencia*,
Nem se diz si nas danças fez figura:

E assim venho a tirar por consequencia,
Que estando hoje a nobreza em tanta altura
Não traz d'elle nem d'ella a descendencia.

NO « CEMITERIO »

A mundana vaidade, a pompa o fausto
Esvaem-se mortaes neste jazigo :
Lembrai-vos q' sois pó, sobras fogaces,
Que no muudo precoce ó vossa vida.

Aqui repousão potres e opulentós,
Em banquetes de vermes convertidos,
Meditai, meditai sobre estas campas,
Vosso orgulho e soberba eis abatido

Aqui do extermínio o anjo esvoaça,
Perpassando uma campas, a outra corre !
Lê-de em suas mãos vossa sentença :

«E' breve a existencia e o homem morre.

Ab! felizes de vós, se cumpungidós,
Um culto devotardes á virtude !
Impavidos fitando o anjo da morte,
Sem pesar descereis ao ataudô.

Extr.

A PEDIDO.

OBRA DA MATRIZ.

As commissões encarregads de agenci-a ar esmolas para esta obra, attendendo a crescida despeza, de cerca de sessent-mil reis por mez, que se faz ali com o fornecimento d'agua, e dézejan do e conomi-sar por este lado e fazer applicação d'essa quantia a outros misteres da mesma obra, rogão encarecidamente a todas as pessoas, que n'esta cidade vendem ou mandão vender agua em cargas, o especial favor de concorrerem diariamente com uma carga, com o que prestarão um relevantissimo auxilio, além de outros que, por ventura, já tenham prestado.

Na referida obra existe as vasilhas necessario para receber essa esmola.

— Temos lido no « Publicador » um esdruxulo annuncio, do Sr. Francisco Gomes da Silveira, o qual é feito de tal maneira, que ninguem ao certo pode saber se o Sr. Silveira é devedor ao Sr. Antonio Dias Pinto de um conto de rs. ; o que se lê n'elle, é, que o Sr. Silveira, passou uma letra de um conto de rs. por favor que fez ao Sr. Adriano; e por ultimo diz : que sabe, que esta letra está empenhada por 300%. Uma reflexão, se a letra é verdadeira, o debito também o é. e como tal o Sr. Pinto pode fazer uzo da letra como entender, por ser seu legitimo dono. Porem como o Sr. Dias Pinto breve aqui chega, — pedimos que se suspenda qualquer juizo, que se possa fazer desse debito, porque elle o esclarec erá.

Um amigo.

Typ. DE J. JOAQUIM DA SILVA BRAGA.